

A Arterapia:

Os Efeitos Terapêuticos da Expressão Plástica e a sua Influência no Comportamento e Comunicação da Criança

Mónica Oliveira*; Alice Santos**

*Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti;** Ex-aluna da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti
monica@esefrassinetti.pt

A Arte, particularmente a Expressão Plástica, possui efeitos terapêuticos, daí ser um excelente meio para atenuar, se não *resolver*, determinados problemas de comportamento e comunicação que algumas crianças apresentam no Jardim de Infância.

A Arteterapia defende que a Arte proporciona momentos de interação ótimos à criança e que esta, em contacto com materiais e técnicas adequadas, ou seja, através de um percurso criativo, desencadeia um processo de recuperação, indispensável ao seu desenvolvimento e crescimento pessoal.

Convictos desta realidade, procurámos, partindo do modelo terapêutico, analisar de que modo a Expressão Plástica contribui para a expressão do mundo interior da criança e compreender a forma como é estimulada a sua criatividade, fantasia e imaginação, assim como reflectir sobre a prática pedagógica e artística do educador, com vista a fornecer-lhe pistas orientadoras, enquanto motivador e facilitador do processo artístico. No entanto, nós estamos certos de que esta prática só é viável numa escola aberta à mudança, apoiada numa pedagogia diferenciada, onde pais e educadores assumem um papel relevante e onde os educadores realizam um trabalho pedagógico que, embora flexível, tenha objectivos, seja planificado e desenvolvido através de actividades, que incluam materiais e técnicas diversificadas, e que esteja sujeito a uma avaliação constante para ajudar o próprio educador a tomar consciência, ajustar e reformular a sua prática, caso seja necessário.

Sendo a Expressão Plástica uma actividade praticada tanto no Jardim de Infância como nas instituições de reabilitação, nomeadamente nos gabinetes de Arteterapia, julgámos interessante investigar a metodologia utilizada no processo terapêutico, a fim de retirar ilações úteis para o enriquecimento da prática pedagógica dos educadores de infância.

As crianças com problemas de comportamento e comunicação são frequentemente confundidas com crianças deficientes, anormais ou inaptas, por apresentarem certos comportamentos e, na maioria das vezes, algumas incapacidades. Ora, estas dificuldades não deverão ser nunca uma razão para os educadores cruzarem os braços pensando que não há nada a fazer e que, se houver, tal tarefa caberá ao Ensino Especial.

Embora estas crianças, em determinado momento da sua vida, apresentem necessidades educativas especiais, não são, por razões várias, assistidas pelo Ensino Especial, porque na perspectiva de Joaquim Bairrão e outros autores, a maioria dos casos necessita, sobretudo, de uma educação de qualidade e diversificada.

De acordo com a nossa pesquisa teórica, a escola deve, com efeito, estar aberta à diferença dos alunos (Martins, 1998), aceitando-os e respeitando-os, munindo-se de recursos humanos, materiais e didácticos necessários a uma resposta adequada a este tipo de problemas. Mas para isso é, por vezes, necessário efectuar mudanças ao nível da organização, estrutura e metodologia. Assim sendo, o Jardim de Infância tem, por um lado, que estar atento às necessidades destas crianças e tentar perceber o que está por trás daquele comportamento e, por outro lado, ser conhecedor de estratégias capazes de atenuar, se não de resolver, esses comportamentos, para que não se agravem e só lhes venha a ser dada alguma importância quando mais tarde se traduzirem por outro tipo de complicações, como indisciplina na sala de aula, dificuldades de aprendizagem, entre outras. É evidente que só boa vontade e intuição do educador não chegam, ele tem de:

- acreditar que é possível fazer alguma coisa por aquela criança;
- assumir uma postura consciente e responsável, que passa necessariamente pela qualidade humana e técnica;
- ser persistente e paciente, pois os resultados não são imediatos.

Portanto, numa atitude criativa, o educador deve investir em estratégias capazes de atenuar as carências comportamentais e comunicativas da criança que tem diante de si e fazê-la crescer de forma equilibrada, contribuindo para a sua integração na sociedade. Através da Expressão Plástica, a criança, em contacto com materiais e técnicas diversificadas, vai poder exprimir e reconstruir o seu mundo interior, estabelecendo, deste modo, uma comunicação e um comportamento ajustado ao meio.

Coloca-se, então agora, a seguinte questão: Como pode a Arte contribuir para resolver problemas de comportamento e de comunicação nas crianças?

No sentido de obtermos uma resposta, apresentaremos, a seguir, algumas considerações que fizeram parte da nossa investigação.

O Ensino e a Terapia

São vários os significados que encontramos para terapia, embora todos eles apontem para “tratamento”, “cura”, ou mesmo “terapêutica”, este último segundo a Enciclopédia Luso Brasileira da Cultura. Este termo quando ligado à pedagogia aparece da seguinte forma: “PEDAG. Acção Psicopedagógica, individual ou em grupo, realizada com crianças ou adolescentes escolarmente inadaptaadas. A A.P.T., também chamada “pedagogia curativa”, surge assim como uma pedagogia de recuperação que ignora ou ilude a reconversão institucional da escola e do contexto social, verdadeiros responsáveis pelas desadaptações das crianças e dos adolescentes” (Breda Simões, 1977, Vol. 17:1372-1373).

Na verdade, o Jardim de Infância é para a criança um *novo contexto de vida*, onde as relações que mantém e as suas experiências podem contribuir para *diminuir* ou *agravar* os problemas que apresentam.

Há quem associe os problemas de comportamento a crianças agressivas ou hiperactivas, no entanto, segundo Kirk e Gallagher (1991), comportamentos problemáticos incluem também crianças imaturas (desatentas, desinteressadas, lentas, preguiçosas, sonolentas, caladas) e retraídas por ansiedade, as ditas tímidas. Estes comportamentos geram dificuldades de comunicação e dificultam a educação. Podem resultar de um sentimento de medo, de ansiedade, de falta de confiança em si e dificuldade em compreender ou se relacionar com a realidade. São diversos os sintomas que a criança pode apresentar e que são autênticos pedidos de ajuda, aos quais o educador deve estar atento e reagir com calma e paciência, empregando dispositivos pedagógicos de aprendizagem diferentes (Perrenoud, 2000), o que implica conhecimentos que lhe permitam, no momento certo, empregar a metodologia adequada a cada criança.

Para que a criança esteja disponível para aprender, é importante que ela esteja bem consigo própria e com os outros, usufruindo da “terapia do amor”, da “terapia do respeito” e da “terapia da compreensão”, conforme refere a Dr.^a Adelina Peixoto (entrevistada). E, se é importante o papel dos pais em todo o processo educativo, não é menos importante o do educador de infância, pois:

- é ele que passa a maior parte do dia com as crianças;
- é um modelo que a criança imita;
- é quem está mais perto dos afectos da criança;
- é quem, de forma lúdica, pode levar a criança a libertar-se das suas tensões através de actividades que propõe e de uma interacção positiva e constante com a mesma;
- é quem, em parceria com os pais, pode perceber o que se passa com a criança e ajudá-la a resolver alguns dos seus conflitos.

É então necessário, segundo Zabalza (2000), traçar objectivos, planificar e delinear conteúdos, propondo à criança actividades que possam satisfazer os seus desejos e necessidades. E uma destas necessidades é, segundo este mesmo autor (1992), a criança libertar-se das suas tensões através de “actividades físicas, simbólicas e catárticas, que eliminem a energia acumulada” (p. 109) e lhe permitam fortalecer o seu Eu. Assim, o educador deve possibilitar à criança várias experiências que não só lhe permitam perceber as preferências do seu educando, como também envolvê-lo numa aprendizagem activa e significativa. Armstrong (2001), no seu livro “Inteligências Múltiplas na Sala de Aula”, confirma isto mesmo, levando-nos a crer que as crianças que se vêem privadas deste leque experiencial são prejudicadas no seu desenvolvimento.

As crianças com problemas de comportamento e comunicação têm dificuldades de socialização, sendo também as actividades plásticas uma boa estratégia para promover os trabalhos em grupo. Não se aconselham actividades muito prolongadas, uma vez que o seu tempo de concentração é curto, pelo que as técnicas devem ser faseadas e repetidas, a fim de serem interiorizadas e ser dada toda a atenção ao processo criativo, observando-se um aumento da sua capacidade de concentração (Leite e Malpique). É nesta medida que o educador deve ter outras propostas de actividades em reserva, capazes de responder a uma atitude de insatisfação, agressividade ou oposição por parte da criança relativamente à tarefa que está a ser desenvolvida.

Falar em “terapia” no Jardim de Infância equivale a falar num ambiente calmo, acolhedor, seguro e num espaço organizado, sem materiais em excesso que dispersem a criança. Aqui, o educador trabalha criativamente na surpresa, despertando a curiosidade daquela e criando-lhe o gosto pela descoberta.

Numa atitude disponível e carinhosa, o educador interage com a criança, pondo à sua disposição materiais, através dos quais ela pode representar as suas vivências e melhorar o seu estado emocional. Segundo o Dr. Rodrigo Neiva, arteterapeuta, esta expressão do Eu dá à criança a possibilidade de arrumar a sua casa interior.

A Arte como Forma de Expressão

À Arte é reconhecida não só uma função terapêutica (expressão do Eu) como uma função cultural, educativa (educação do gosto, sentido estético, entre outras). A criança com problemas de comportamento e comunicação precisa de canais de expressão para poder libertar-se e descarregar as suas tensões e a Expressão Plástica, para além de ser uma via de expressão e comunicação excepcional, proporciona-lhe segurança, estabilidade e canaliza a sua energia de uma forma criativa.

Educar uma criança através da Arte não só contribui para o seu equilíbrio emocional, como também aumenta a sua capacidade de aprender. Parafraseando Hernández e Hernández (1991) quanto maior for a oportunidade de exercitar os sentidos maior será a oportunidade de aprender, pois todo o conhecimento começa por uma exploração sensorial. O contacto e a manipulação de diferentes materiais e o prazer que estes proporcionam à criança permitem-lhe desenvolver os sentidos e encontrar o equilíbrio (Strecht, 2001), na medida em que, ao descarregar nesses materiais as suas energias, a sua agressividade, os seus temores e a sua ansiedade, a criança vai acalmando. A Dr.^a Graça Santos, dançaterapeuta, dizia-nos, enquanto entrevistada, que no decorrer da sua experiência profissional teve uma criança muito agressiva na sua sala, que socava a massa de modelar sem parar durante algum tempo e, depois, ficava mais calma e disponível para outras actividades. Este prazer que a criança sente vai desenvolver a sua auto-expressão, auto-conhecimento e auto-controle. Mas nem todos os materiais têm o mesmo efeito na criança, daí ser necessário ir diversificando tanto materiais como actividades e ir registando o impacto que aqueles produzem sobre ela. Actividades como rasgagem, colagem e modelagem, entre

outras, permitem à criança utilizar acções “destrutivas” de uma forma construtiva.

As crianças com problemas de comportamento têm dificuldade em comunicar ou, pelo menos, fazem-no de forma socialmente pouco aceitável. A comunicação não verbal, através da Expressão Plástica, favorece a representação do seu mundo interior, oferecendo-lhes uma possibilidade de transmitirem as suas ideias, os seus sentimentos, comunicando, assim, com o exterior.

Mas, como dissemos atrás, a Expressão Plástica tem também uma função cultural e educativa. Deste modo, deve ser posta ao serviço da criança, tanto mais que esta aprende aquilo que, de alguma forma, satisfaz os seus interesses e faz sentido para ela. São vários os objectivos a que a Expressão Plástica se propõe:

- **DESENVOLVER A PERSONALIDADE**, tal como afirmam Arquimedes Santos e Hernández Hernández entre outros, uma vez que aumenta a auto-confiança da criança e a torna mais autêntica. E é neste clima que a aprendizagem acontece, pois “uma criança confiante aprende mais facilmente que uma criança em tensão” (Tilley, 1991:15);
- **PREVENIR, ATENUAR ou curar as perturbações**, na medida em que a exploração de diferentes tipos materiais motiva a criança a criar, deixando-a, por vezes, surpreendida com a sua obra. É nesta perspectiva que Gardner afirma que “os anos pré-escolares são frequentemente descritos como a idade dourada da criatividade, momento em que toda a criança brilha com talento artístico” (1999:83), o que nos permite perceber que é o período ideal para o educador fortalecer o sentimento de realização pessoal da criança, estimulando-a e valorizando os seus trabalhos, expondo-os e partilhando-os com os outros;
- **DESENVOLVER A COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO**, pois ao representar o que sente controla melhor as suas emoções e reacções (Tilley, 1991), ganha outra sensibilidade, melhorando os seus afectos;
- **DESENVOLVER A PERCEPÇÃO E A CRIATIVIDADE** através das experiências sensoriais que a criança realiza, o que a leva a exercitar a sua imaginação. É face a um leque variado de opções que ela imagina, decide e ousa levar a cabo determinadas tarefas;

· **DESENVOLVER A SOCIALIZAÇÃO.** As actividades artísticas permitem trocas profundas entre os elementos de um grupo, prevenindo o isolamento das crianças com dificuldades de comunicação. Estes momentos de interacção permitem à criança ter consciência dos outros, partilhar, dando e recebendo, o que contribui para uma melhor integração e reajustamento ao meio.

A Arteterapia

A Arteterapia, reconhecendo na Arte todas estas possibilidades, usa-a como mediadora no processo terapêutico, considerando-a não unicamente um instrumento adicional de expressão, mas sim parte integrante da terapia (Leite, 2000). A investigação a que nos propusemos revela que, sem a Arte, a terapia com este tipo de crianças seria muito difícil, porque é através dela que o terapeuta consegue chegar mais perto da criança e interagir com ela, no sentido de ir melhorando o seu estado emocional. Os recursos que a Arteterapia utiliza são ajustados às necessidades das crianças, conforme o seu tipo de perturbação, criando canais de comunicação entre ela e o mundo exterior. Estes canais produzem um efeito de reabilitação. A Arteterapia, ao utilizar a expressão plástica, envolve a criança, de uma forma lúdica, nas actividades, o que é bastante desinibidor e favorece a comunicação. Para Pain & Jarreau (2001), o educador é um animador que acompanha a criança na aventura criativa, valorizando a relação entre ambos, tal como fazem os terapeutas.

Existem, no entanto, algumas diferenças entre a Arte e a Arteterapia, ou seja, enquanto a Arte tem uma finalidade estética, preocupando-se com o produto final, a Arteterapia preocupa-se antes com o processo de expressão, com a estética interior da criança e com o seu envolvimento na tarefa proposta. Para os arteterapeutas, não é preciso que a criança tenha talento artístico, é mais importante o uso criativo dos materiais que ela utiliza e onde tem a liberdade de imaginar, criar, construir. Lápis, tintas, barro, massa de modelar, materiais de desperdício, entre outros, são óptimos instrumentos de trabalho que ajudam a criança no seu percurso criativo.

Embora o educador não seja, nem pretenda ser um terapeuta, deve conhecer os benefícios que a Expressão Plástica traz à criança que a pratica regularmente, ajudando-a a recuperar ao nível da comunicação, da auto-estima, da capacidade de iniciativa, da percepção da realidade e libertando-a das suas tensões e angústias, responsáveis pelos seus problemas de comportamento.

Os exercícios utilizados em Arteterapia, tanto a nível bi como tridimensional, constam da investigação que fizemos e de manuais que consultámos, como por exemplo, *Exercícios de Arte para Grupos*, de Marian Liebmann e *Teoria e Técnica da Arte-Terapia*, de Sara Pain & Gladys Jarreau. Aqui, o educador poderá encontrar uma grande variedade de exercícios, bem como perceber a importância dos mesmos para a criança.

Para além desta proposta de actividades e no sentido de confirmar as hipóteses teóricas, as quais dizem respeito à importância dos materiais e espaço, da arte enquanto momento de interacção, e do desenvolvimento da criatividade da criança, a partir da utilização intencional e sistemática da Expressão Plástica, realizámos entrevistas a arteterapeutas. A dificuldade que encontramos em só entrevistar terapeutas que utilizassem a Expressão Plástica como mediadora levou-nos a entrevistar para além do Dr. Rodrigo Neiva, arteterapeuta, a Dr.^a Eduarda Carvalho, musicoterapeuta, a Dr.^a Adelina Peixoto, dramaterapeuta, a Dr.^a Graça Santos, dançaterapeuta, a Dr.^a Marta Matos, psicóloga clínica e a educadora de infância co-terapeuta Dr.^a Armandina Sousa, utilizando estas duas últimas a pintura como terapia. A partir destas entrevistas, pudemos obter não só uma perspectiva de trabalho clínico, como também educativo.

Os quadros n.ºs 1, 2 e 3 contêm algumas das transcrições mais significativas das entrevistas por nós efectuadas, tendo em consideração as categorias e subcategorias encontradas nas mesmas. Assim, o quadro n.º 1 subdivide-se em materiais/técnicas; espaço; expressão do eu/comunicação. O quadro n.º 2, por sua vez, é subdividido em afectos/emoções/sentimentos; disponibilidade/ajuda/atenção/flexibilidade; partilha/cooperação. Por último o quadro n.º 3 apresenta-se dividido em fantasia/imaginação; construção/mudança/transformação.

Quadro I :: Arte/Expressão

Materiais/Técnicas	Espaço	Expressão do Eu/Comunicação
<p>(...) a Arte enquanto expressão daquele ser humano é quando a criança se consegue exprimir, consegue naquele momento melhorar o seu estado de espírito através da cor, da forma, dos materiais que eu ponho à sua disposição.</p> <p>(...) a criança mexeu no barro ... está a despertar em si uma série de sentimentos, de emoções ... é quase como estar com uma raiva que ficou ali no barro e resolveu.</p> <p>(...) há crianças problemáticas extremamente cativadas pelas sensações do corpo e o contacto com esses materiais desenvolve nelas capacidades de construção e de organização do corpo.</p> <p>(...) o meu luto fi-lo através do desenho, portanto a Arteterapia faz todo o sentido.</p> <p>(...) a Arte pode ser um veículo para trabalhar a questão ligada à contenção, aos limites, ao dentro e ao fora; por exemplo, os tabuleiros de areia são óptimos mediadores para trabalhar no sentido do controle.</p> <p>(...) a pintura é uma espécie de reconciliação consigo mesmo. Há autores que referem que o papel terapêutico da Arte existe na noção de reparação.</p> <p>(...) mais importante que a obra é o contacto com os materiais.</p> <p>(...) eu através da dança, da plástica, valorizo-me, auto-realizo-me, independentemente de todas as circunstâncias à minha volta e penso que aí está o valor da Arte.</p>	<p>(...) um espaço tipo atelier, nem demasiadamente grande nem demasiadamente pequeno, portanto, que não haja nem um sentimento de falta de contenção, tipo ginásio, mas também com muitas coisas não dá...</p> <p>(...) O ambiente deve ser calmo, tranquilo.</p> <p>(...) é proporcionado à criança um espaço de criatividade, um espaço de prazer, que se vê pela forma como ela toca nas coisas.</p> <p>(...) o objectivo é estar-se no espaço em que se pode fazer coisas que cá fora não se vai fazer de certeza.</p> <p>(...) o espaço de atelier é fundamental, é importante para fazer crescer uma criança.</p>	<p>(...) a Arte para mim é qualquer coisa que exprima de uma maneira espontânea, o interior de qualquer pessoa.</p> <p>(...) é uma forma de comunicação e de expressão.</p> <p>(...) é uma forma de poder aceder a um encontro connosco próprios.</p> <p>(...) é também uma forma de podermos aceder a uma descarga. ... O objectivo é a expressão, a criatividade e também tocar em partes dolorosas de nós mesmos.</p> <p>(...) se ela não for capaz de o fazer através das palavras, vamos tentar outras vias ... levando-a a conciliar vertentes diferentes, como o prazer e a dor, no mesmo espaço, para que ela possa compensar a sua entrega aos aspectos mais dolorosos através do espaço do jogo, em que ela sente que se pode libertar, que não há um constrangimento ao nível das convenções sociais.</p> <p>(...) a criança, quando pinta, projecta as suas emoções.</p> <p>(...) era sempre ele que amassava ... dava murros e murros na massa ... efectivamente ficava muito mais calmo. ... Será que não era terapêutico, se calhar era, mas nesse sentido de que era catártico e, portanto, estava a libertar energia, estava a exprimir algo que, de alguma forma, depois não era expresso noutras situações.</p>

Quadro 2 :: Interação/Arterapia

Afectos/Emoções/Sentimentos

(...) ao fim de um ano, não, de dois anos naquele grupo melhoraram bastante, melhoraram muito ao nível dos afectos, tinham dificuldade em trabalhar em grupo, dificuldade em aceitar a crítica do outro...
(...) A Arteterapia o que procura é que as pessoas adquiram, por elas, uma estética interior ... tem que ver com qualidade de vida, com uma forma saudável de viver consigo próprio e com os outros.
(...) dá-se muita importância à forma como a criança se situa face ao próprio terapeuta, como é que ela utiliza a relação que tem com o terapeuta para poder afirmar-se, evoluir junto dos seus pais, junto dos seus pares.
(...) porque um educador... é um terapeuta porque através do seu amor, do respeito e da atenção está a fazer com que a criança cresça a um nível emocional equilibrado e aqui há terapia.
(...) a nível pré-verbal as coisas são mais autênticas, mais fortes e é possível chegar mais directamente ao indivíduo e, além disso, tem também essa carga lúdica e é mais fácil a criança aderir a isso.

Disponibilidade/Ajuda/Atenção/Flexibilidade

(...) A postura do terapeuta é muito importante, ouvir ... ajudar a pensar sobre as coisas.
(...) Às vezes a própria programação da sessão sofre alterações ... tem que se ter a flexibilidade de mudar as coisas.
(...) o terapeuta não está lá para as julgar, mas está lá para as ajudar.
(...) A postura do terapeuta é de empatia, de contenção dos limites, de disponibilidade, de escuta, não de imposição.
(...) a capacidade de ouvir é a pedra angular de toda a relação terapêutica.
(...) o educador deve estar atento e a sua responsabilidade é abrir as janelas através dos sentidos, despertar a curiosidade, o interesse, provocar para que todas as aptidões venham ao de cima.
(...) ser compreensivo, tolerante e flexível, porque nem todas as crianças são iguais...é necessário ser imparcial, amar e respeitar a criança tal como ela é e tentar ir ao encontro da sua dificuldade...
(...) o papel do terapeuta é o de facilitar o mundo interno da criança.
(...) o fundamental é a qualidade humana...

Partilha/Cooperação

(...) A grande vantagem do grupo é poder aceder à partilha da criatividade dos outros todos e poder ampliar o campo da comunicação...
(...) começam por pintar ou começam por expressar, partilhar alguns sentimentos da sua vida..
(...) Quando a abordagem é em grupo, a própria organização do grupo tem uma função específica, nomeadamente ao nível do reconhecimento do outro, do seu espaço de reciprocidade, ao nível das regras, ao nível da partilha, até da possibilidade de comunicar e também de manter o silêncio.

Quadro 3 :: Criatividade

Fantasia/Imaginação

(...) pode-se, por exemplo, propor que se transforme o final da história ... eu sugeria que passassem à expressão dando vida à história que acabaram de ouvir.
(...) integrar a música com os fantoches ou com as histórias ou fazer o desenho e pedir para contar a história ou ler a história e pedir para fazer o desenho, portanto, já há um trabalho de integração de vários mediadores no sentido de ampliar esse campo do imaginário, da criatividade e de desenvolvimento da parte do simbólico.
(...) imagine que não há casa das bonecas, ou que está tapada, é também brincar com a surpresa; vamos ter um pano grande em que os meninos pintam, de um lado é a noite e do outro é o dia, mas tudo depende da sensibilidade do educador e dos seus objectivos.

Construção/Mudança/Transformação

(...) os desenhos que a pessoa fez e que são o espelho dessa transformação.
(...) Quando nós tentamos expressar-nos, comunicar, é também a cedência a um processo criativo, aliás, o grande objectivo da terapia é sermos criativos, é mudarmos, é adaptarmo-nos à mudança.
(...) a pintura tem efeitos muito rápidos e imediatos quando a pessoa está em baixa, porque há um outro Eu que surge no acto criativo.
(...) é uma oportunidade rica para poder trabalhar e mudar algumas relações, dar oportunidades à criança de se vivenciar diferentemente também.
(...) as expressões não verbais são o forte, são muito importantes no processo de mudança, precisamente porque são mais autênticas.

Conclusão

Partindo da noção de que temos uma escola não segregadora e aberta à mudança, julgamos ter as condições ideais para introduzir, na sua prática educativa, algumas estratégias próprias da

Arteterapia, uma vez que elas podem oferecer benefícios concretos ao desenvolvimento global da criança e, muito particularmente, das crianças com problemas de comportamento e de comunicação. Se bem que a função do arteterapeuta seja diferente da função do educador, este pode, enriquecido com o conhecimento

dessas estratégias, actuar de uma forma mais consciente e eficaz junto dessas crianças, atenuando-lhes os seus problemas ou, até mesmo, prevenindo-os. Esse conhecimento levará o educador de infância a utilizar a Expressão Plástica de uma forma mais consciente, intencional e sistemática. Consciente, porque é conhecedor dos seus benefícios; intencional, porque responderá ao apelo que as Orientações Curriculares fazem ao educador no sentido de planificar as actividades a desenvolver com as crianças e que devem satisfazer os seus interesses e necessidades; de forma sistemática, porque só o uso frequente deste domínio poderá oferecer resultados visíveis. Estes resultados traduzem-se essencialmente na expressão do Eu e na capacidade de comunicação da criança, tendo como efeitos implícitos um auto-conhecimento, uma maior confiança em si própria, tal como uma maior consciência dos outros, o que a conduz a um crescimento pessoal e social.

As estratégias utilizadas em Arteterapia para reabilitação da criança com problemas fazem uso dos mesmos materiais, técnicas e vertentes artísticas que as exploradas no Jardim de Infância, mas a Arteterapia põe ênfase no processo criativo da criança, porque tem sobretudo a consciência de quanto isso contribui para a construção do seu mundo interior a par de um sentido estético interior que gera harmonia e equilíbrio emocionais. Mas, para que este processo criativo aconteça, é necessário que o espaço esteja organizado sob certas regras, estruturais e de acolhimento, para que as actividades se desenvolvam num ambiente acolhedor e tranquilo.

Para além destas condições físicas, é também necessário ter em conta as finalidades do educador e a sua relação afectiva com a criança. Esta relação afectiva, muito valorizada pelos arteterapeutas, a ponto de a chamarem “aliança terapêutica”, implica a disponibilidade, a atenção, a ajuda e flexibilidade, qualidades que, no fim de contas, são também próprias do educador de infância. Se, para além destas qualidades que o aproximam do arteterapeuta, o educador tiver as competências técnicas, artísticas, pedagógicas e científicas da Expressão Plástica, melhor saberá tirar partido da mesma para levar a criança a alargar o seu leque experiencial e favorecer uma abertura maior na expressão de um Eu mais criativo, susceptível de uma maior realização pessoal e social.

Em suma, uma escola aberta à diferença, capaz de aceitar novas metodologias e ajustar os seus procedimentos às necessidades educativas das crianças, é uma escola dinâmica, criativa e inovadora, responsável pelo futuro da sociedade humana – é, no fim de contas, a escola de que precisamos.

Principais Referências Bibliográficas

- ARMSTRONG, Thomas (2001), *Inteligências Múltiplas na Sala de Aula*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2ª Edição.
- BAIRRÃO, Joaquim; FELGUEIRAS, Isabel; FONTES, Patrícia et al. (1998), *Os Alunos com Necessidades Educativas Especiais*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- GARDNER, Howard (1999), *Arte, Mente e Cérebro*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- HERNÁNDEZ, Hernández; MIÑARRO, Asunción; VIADEL, Ricardo (1991), *Qué es la Educación Artística?*. Barcelona: Sendai Ediciones.
- KIRK, Samuel; GALLAGHER, James (1996), *Educação da Criança Excepcional*. S. Paulo: Martins Fontes, 3ª Edição.
- LEITE, Elvira; MALPIQUE, Manuela (s/d), *Para uma Troca de saberes*. M.E..
- LEITE, Teresa (2000), “As Artes em Terapia e Saúde Mental” in revista *Noésis*, n.º 53/2000.
- LIEBMANN, Marian (1994), *Exercícios de Arte para Grupos*. S. Paulo: Summus.
- MARTINS, Manuela (1998), “Camínhos para a Inclusão” in *Cadernos de Educação de Infância*, n.º 47.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, D.E.B., Núcleo de Educação Pré-Escolar (1997), *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Editorial do M.E..
- PAIN, Sara; JARREAU, Gladys (2001), *Teoria e Técnica da Arte-Terapia*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2ª Edição.
- PERRENOUD, Philippe (2000), *Pedagogia Diferenciada*. Porto Alegre: Artmed.
- SIMÕES, Breda (1977), *Enciclopédia Luso Brasileira da Cultura*, Vol. 17.
- STRECHT, Pedro (2001), “A Exploração dos Sentidos” in revista *País e Filhos*, n.º 122.
- TILLEY, Pauline (1991), *El Arte en la Educación Especial*. Barcelona: Edições CEAC, 4ª Edição.
- ZABALZA, Miguel (1992), *Didáctica da Educação Infantil*. Porto: Edições Asa, 1ª Edição.
- ZABALZA, Miguel (2000), *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola*. Porto: Edições Asa, 5ª Edição.